

# Em jeito de homenagem ao Dr. José Soares Martins ou José Capela

*“Homem dum só parecer  
Dum só rosto, e duma fê  
D’antes quebrar que volver”.*

Este auto-retrato do poeta Sá de Miranda (1481-1558) é perfeito para tentar dar uma imagem do amigo, Dr. Capela, como era mais conhecido.

Em 1955, com 23 anos e um brilhante curso de Teologia, José Capela vai para a Beira ajudar o tio, o bispo D. Sebastião Soares de Resende na sua missão apostólica. Aí se deixa fascinar por África e pelas suas gentes, tornando-se um moçambicano de gema, completamente apaixonado pela História desta sua terra.

Em 1956 é chefe de redacção e depois director adjunto do jornal da diocese, o *“Diário de Moçambique”*, funda *“A Voz Africana”* da Beira, a revista *“Economia de Moçambique”* de Lourenço Marques (1963), ao mesmo tempo que cada vez conhece mais e melhor o território e a gente, perscrutando *“in loco”* tudo, da tradição oral aos arquivos, à administração colonial.

Com a morte do tio, regressa a Portugal em 1968, é o primeiro editor da *“Voz Portuguesa”*, continuando então uma desenfreada investigação científica que lhe permite ir publicando livros em catadupa, a partir de 1974, vinte, até 2010.

A escravatura nas suas múltiplas perspectivas e envolvências económico sociais, a burguesia portuguesa e o seu envolvimento no colonialismo, o movimento operário em Lourenço Marques (1898-1927), são a base dum profundo conhecimento da História de Moçambique que vai delineando e fazendo ao longo da vida, daí *“Moçambique pela Sua História”* (2010).

Como adido cultural da embaixada de Portugal em Maputo (1978-96) volta a Moçambique, onde pôde concretizar a investigação que queria e simultaneamente lhe permitiu continuar a publicar também várias dezenas de artigos atinentes à sua paixão – o Moçambique colonial.

Novamente no Porto (1996), como investigador do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, o Dr. Capela prossegue o seu desígnio, ao mesmo tempo que num ambiente académico, colabora activamente não só a nível científico mas frequentemente usa a sua diplomacia de profissional, a postura ética, vertical, que o caracterizam, para atenuar tensões, dirimir conflitos típicos do ambiente universitário.

É um investigador modelo, sempre pronto a ouvir, dar achegas, sugestões, pesquisar para o outro, participar em reuniões e outras tarefas administrativas pouco apetecíveis, com a humildade dum iniciado e a sabedoria contida dum especialista.

Viveu os grandes problemas e desafios do Centro, foi o grande mentor de pesquisas históricas, particularmente de Moçambique, dedicou muito do seu tempo aos outros, deu muito da sua investigação, contribuiu amplamente, como se vê pela sua bibliografia, para um melhor conhecimento de Moçambique, da África, da escravatura.

Soube ser realmente um colega, amigo, confidente, que, não obstante a doença, que como dizia, deixava à porta do Centro, com o indelével sorriso dos seus olhos azuis, nos proporcionou confiança, calma, alegria de viver, segundo uma vivência cristã, que lhe era subjacente mas invisível aos olhos da maioria.

Realmente o auto-retrato de Sá de Miranda assenta-lhe como uma luva, pois sob uma aparência tranquila, quase desinteressada, irrompe uma personalidade forte, vincada, aberta mas incorruptível.

Bem haja, Dr. Capela, com o seu exemplo continua connosco.

**Elvira de Azevedo Mea**

Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto